

QUALIDADE DE VIDA E SOFRIMENTO PSÍQUICO DE UNIVERSITÁRIOS NO CEARÁ

Maria Gessica da Silva Oliveira ¹

Sabrina Melo Pereira ²

Andreza Hermínio dos Santos ³

Rayane Teodósio Cruz ⁴

Paulo Cesar Mattos Dourado de Mesquita ⁵

RESUMO

O presente trabalho tem como metodologia a pesquisa quantitativa, onde buscamos estudar aspectos relacionados a qualidade de vida e sofrimento psíquico entre universitários do Ceará. A pesquisa foi realizada com a participação de 253 estudantes do ensino superior no estado do Ceará. Através dos dados coletados, nos foi possível verificar se de fato o período da graduação pode ser gerador de sofrimento psíquico, e se sim, que outros fatores podem estar relacionados a esse sofrimento. Buscamos por meio desse estudo identificar possíveis causas geradoras de sofrimento no ambiente acadêmico, e através disso gerar uma discussão acerca do tema em questão.

Palavras-chave: Qualidade de vida, Sofrimento Psíquico, Universitários.

INTRODUÇÃO

O ingresso na universidade tem se tornado algo cada vez mais almejado pelo meio estudantil, e isso pode ser justificado pelo fato de que a globalização tem gerado uma evolução do conhecimento e da ciência de modo geral. Diante disso, o ingresso a universidade tem uma representatividade especial, visto que esse é um passo importante para inserção no mercado de trabalho, uma vez que este tem se tornado cada vez mais competitivo. O número de jovens brasileiros que ingressam na universidade tem crescido consideravelmente nos últimos anos. De acordo com dados do IBGE, estudantes com idades entre 18 e 24 anos com acesso ao ensino superior passou de 10,4% em 2010 para 16,3% em 2013 (ANSOLIN; et al, 2015). Porém, precisamos considerar importante que se haja um acompanhamento e análise acerca da saúde desses universitários (ANSOLIN et al, 2015).

¹Graduando pelo Curso de Psicologia do Centro Universitário 7 de Setembro – Uni7, goliver1818@gmail.com;

²Graduando pelo Curso de Psicologia do Centro Universitário 7 de Setembro – Uni7, sabrinamelo.sa@gmail.com;

³Graduando pelo Curso de Psicologia do Centro Universitário 7 de Setembro – Uni7, andreza.herminio@gmail.com;

⁴Graduando pelo Curso de Psicologia do Centro Universitário 7 de Setembro – Uni7, rayaneteodozio@gmail.com ;

⁵ Professor orientador: Paulo Mesquita, Centro Universitário 7 de Setembro – Uni7 paulocmdm@gmail.com .

Podemos afirmar que o tão sonhado ingresso na universidade traz consigo diversas modificações na vida do sujeito. Tratam-se de mudanças que o fazem aderir um novo estilo de vida, e essas mudanças podem muitas vezes gerar impactos sobre a saúde psíquica do mesmo (BRITO et al. 2016). Mudanças que podem ser provocadas pelos questionamentos de valores, crenças e atitudes que são exercidas pela família (BRITO et al. 2016). Essas diversas alterações que surgem na vida do estudante juntamente com a entrada no ensino superior, acarretam uma nova realidade para o mesmo, em termos cognitivos e emocionais (BRITO et al 2016). O meio universitário propõe o surgimento de novos vínculos afetivos, que por sua vez exercem um papel fundamental para o desenvolvimento profissional (LANTYER et al. 2016). No mesmo ambiente podem surgir sentimento de desilusão, seja com o curso escolhido ou a não adequação as longas horas de estudos, o sentimento de independência nas resoluções das demandas acadêmicas, novas responsabilidades com um nível elevado de complexidade, a distância de amigos e familiares, (em alguns casos) tendo que lidar assim com uma rotina totalmente diferente, dentre outros fatores (LANTYER et al. 2016). Podem estes, explicar o fato de que o sentimento de estresse e ansiedade sejam comuns entre universitários, e a busca por compreensão dessa problemática ter se tornado algo tão recorrente na atualidade (LANTYER et al. 2016).

Estima-se que 15% a 29% dos estudantes universitários apresentam algum tipo de transtorno psiquiátrico durante sua formação acadêmica no ano de 2006 (BRANDTNER; BARDAGI, 2007). A partir desse contexto buscamos discutir sobre saúde mental entre os estudantes universitários, considerando que o início da vida acadêmica propõe mudanças expressivas para os estudantes, esse conjunto de objeções torna-os cada vez mais propensos a desenvolver um transtorno mental, o estresse e a ansiedade, como dito anteriormente, são exemplos disso. Em casos mais graves podem ocorrer a prevalência de comportamento suicida. (VASCONCELOS et al, 2016):

“A ideação suicida entre estudantes universitários pode ter uma etiologia específica devido à presença de pressões sociais e acadêmicas que distingue essa população. A presença de maiores níveis de apoio social parece exercer um efeito protetor contra esse tipo de comportamento, por outro lado, o isolamento e a falta de suporte social apresentam-se como elementos facilitadores” (VASCONCELOS et, 2016, P. 347).

Ou seja, o suicídio de jovens acadêmicos pode estar relacionado além das pressões sociais, às obrigações e deveres a cumprir, como os trabalhos, atividades e avaliações, isso os diferencia das demais pessoas. Nesse período acadêmico em que ocorrem mudanças significativas na vida dos estudantes, a inclusão social é também um fator de suma

importância para o bem-estar do universitário, por outro lado, o isolamento e a falta de auxílio e apoio por parte dos colegas, da família, professores entre outros podem propiciar ao jovem à prática do suicídio.

Isso é motivo de discussão, tendo em vista que a prevalência de transtornos mentais menores, podem comprometer a qualidade de vida e acarretar prejuízos no desempenho profissional e acadêmico dos estudantes (VASCONCELOS et al. 2016). Galbán (2002) e Rivera (2010) fizeram pesquisas que identificam qual a idade crítica para a ideação e tentativas suicidas, os autores concluíram que pacientes com elevados níveis de ansiedade, insônias e sintomas depressivos, estão principalmente entre os 17 e os 23 anos, justamente no período em que geralmente os jovens passam a adentrar no ensino superior (VASCONCELOS et al, 2016).

A atenção com o cuidado a saúde mental do estudante universitário deu-se origem nos Estados Unidos, no começo do século XX, a partir da averiguação de que os universitários passam por uma fase naturalmente vulnerável, partindo de uma visão psicológica, e a responsabilidade de orientar e dar assistência é cabível a instituição a qual o aluno está inserido (CERCHIARI, 2004). Segundo Cerchiari (2004), o primeiro serviço de assistência psicológica a estudantes universitários com propósito de dar assistência a alguns jovens que demandavam mais atenção com relação a suas perturbações foi organizada por Stewart Paton, em 1991 na universidade de Princeton nos Estados Unidos juntamente com o Departamento de saúde e Educação Física (CERCHIARI,2004). Em 1920, foi realizada a 1ª Reunião da American College Health Association (RACHA) que definiu os objetivos da higiene mental nas Universidades:

“1) não permitir que os estudantes intelectualmente capacitados fossem obrigados a interromper os estudos; 2) prevenir o fracasso total em consequência de doenças nervosas e mentais; 3) minimizar o fracasso parcial sob a forma de mediocridade, inadequação, ineficiência e infelicidade; 4) proporcionar a cada um o mais pleno uso de sua capacidade intelectual, através da ampliação da esfera de controle consciente”. (CERCHIARI,2004, p.72).

No Brasil os estudos sobre saúde mental dos universitários tiveram início em 1958 com o pesquisador Galdino Loreto (CASTRO,2017). Na atualidade há poucos estudos sobre estudantes universitários brasileiros e a saúde psíquica. (CASTRO,2017) Porém, é extremamente necessário compreender os motivos que levam ao surgimento de transtornos mentais serem tão comuns nesse momento da vida do indivíduo, e buscar através disso um

meio de intervenção, visto que além do sofrimento psíquico que ocorre durante o ensino superior, estes podem também, gerar consequências para as demais fases da vida do indivíduo (CASTRO,2017).

Segundo uma pesquisa feita pela psicóloga Karen Graner (2017) com discentes de cursos da área da saúde, o sofrimento psíquico aflige 30% dos estudantes brasileiros. Em escala mundial, o número sobe para 49,1%. Independentemente da idade, uma quantidade significativa da população mundial de estudantes do ensino superior, sofrem com transtornos psicológicos (GRANER, 2017). As causas podem ser das mais diversas, desde a grande pressão sofrida pela sociedade, no caso dos mais jovens, como a rotina dividida entre trabalho, estudos e afazeres domésticos, como pode ser o caso de estudantes mais velhos (GRANER, 2017).

De acordo com os dados expostos, fica evidente que questões relacionadas a saúde mental no meio universitário despertam e possibilitam a elaboração de debates e trabalhos voltados para esse tema, a fim de identificar como essa problemática tem afetado alunos e a que fatores essa condição pode estar associada (OLIVEIRA, 2019). Segundo a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, 15% dos estudantes de nível superior apresentam algum quadro depressivo (OLIVEIRA, 2019). No entanto, de acordo com a antropóloga Mirian Goldenberg em um diálogo no Projeto Diálogos Contemporâneos em 2018 em Brasília, existe uma bolha cultural que impede a discussão de assuntos como esse no Brasil, ela relata que (OLIVEIRA,2018):

“Temos essa cultura da alegria, da felicidade, e não falamos sobre sentimentos ruins. Isso gera uma solidão enorme. As pessoas não comentam e acham que são as únicas a passarem por situações negativas. É importante conversarmos a respeito”. (Goldenberg, 2018).

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo identificar como se dá a qualidade de vida de estudantes dentro das universidades, bem como as vivências sociais, nível de semestralidade e trabalhos acadêmicos como projetores de sofrimentos psíquico, Ou seja, busca-se compreender os fatores associados a angustia, ansiedade e estresse que são gerados tendo como foco de pesquisa as instituições de ensino superior situadas na região do Ceará, utilizando-se da pesquisa quantitativa, e a partir disso, avaliar que medidas podem intervir nesse contexto.

METODOLOGIA

O presente artigo teve como forma de análise a pesquisa quantitativa com o propósito de medir as reações, sensações, hábitos e atitudes com relação a vivência de acadêmicos dentro das universidades da qual possam indicar índices de possíveis transtornos mentais (MANZATO & SANTOS, 2012). A análise foi realizada por meio de um questionário estruturado fechado (MANZATO & SANTOS, 2012). Esse tipo de questionário apresenta perguntas onde às respostas são alternativas já detalhadas pelo escopo da questão (INSTITUTO, PHD BLOG, 2011).

A escolha do método está relacionada ao tema e aos objetivos desse trabalho, uma vez que possui relação com as técnicas da coleta de dados para validar nossa hipótese (MARTINS, 2019). Considerando a hipótese de que existe prevalência de transtornos mentais em estudantes do ensino superior independente do curso e que a vida acadêmica é composta por novas cobranças que por vez pode afetar de forma significativa a saúde mental desses universitários (PADOVANI; NEUFELD; SOUZA; CAVALCANTI; LAMEU, 2014). Segundo a pesquisa de Padovani e colaboradores (2014):

Em relação à sintomatologia de estresse, foram investigados 783 indivíduos, e a prevalência geral foi de 52,88%. Os sintomas ansiosos foram avaliados em 709 estudantes, e a prevalência encontrada foi de 13,54%. O sofrimento psicológico foi avaliado em 1.403 graduandos, sendo que 39,97% da amostra apresentou sofrimento psicológico significativo.

Portanto, é de significativa importância, a pesquisa voltada para a saúde mental de estudantes cearenses. Os dados desse estudo serão coletados mediante aplicação do questionário, que contém doze perguntas dentro das categorias: sexo, vivências sociais, nível de semestralidade, trabalhos acadêmicos, escolha do curso, família, moradia, saúde mental e sofrimento psíquico. Os participantes da pesquisa são alunos matriculados em qualquer curso do ensino superior do Ceará, região do Nordeste do Brasil. O questionário foi criado com o Google Formulário, no qual a partir dele podemos coletar e organizar as informações. Para coletar os dados o link do formulário foi distribuído através de redes sociais tais como páginas e grupos fechados e abertos do Facebook direcionados as Universidades do estado do Ceará. Após a aplicação da pesquisa e de posse dos dados coletados, chega-se à última etapa do trabalho, que é a apresentação dos resultados obtidos. Eles são compostos por números,

dados, tabelas e gráficos, que vão mostrar os resultados de forma quantitativa, sem se prender às análises subjetivas para explicar as motivações por trás das informações levantadas.

Constam no questionário as seguintes perguntas: *Qual o sexo?* Feminino \ masculino; *Qual semestre está cursando no momento atual?* o primeiro semestre ao terceiro \ do quarto semestre ao sexto \ do sétimo semestre ao decimo; *Qual a sua área de graduação?* Exatas (engenharias, matemática, física e outros) \ Humanas (direito, história, filosofia e outros) \ Saúde (medicina, enfermagem, psicologia, fisioterapia e outros); *Teve que mudar de cidade para ingressar na universidade?* ; *Tem que dividir seu tempo de estudo com o trabalho?*; *Já buscou ou pensou em buscar acompanhamento psicológico durante a graduação?*; *Já deixou de fazer trabalhos ou provas por nervosismo e ansiedade?* Ambas as perguntas com alternativas sim\não; *Com relação ao grau de satisfação com o ambiente acadêmico e as relações sociais existentes no mesmo, você afirma que está;* *O quanto você está satisfeito com o seu curso?* Para as duas últimas as opções foram: totalmente satisfeito\ parcialmente satisfeito\ indiferente\ parcialmente insatisfeito\ totalmente insatisfeito; *Sobre a seguinte afirmação: O ambiente acadêmico provoca desgaste emocional. O quanto você concorda?* Concordo totalmente\ concordo parcialmente\ indiferente\ discordo parcialmente\ discordo totalmente; *Já apresentou algum transtorno mental (ansiedade, depressão menor, fobias e etc) antes ou durante a graduação?* Sim, durante a graduação; sim, antes da graduação e também durante; sim, apenas antes da graduação; não, nunca apresentei nenhum tipo de transtorno mental; *Em sua opinião, qual o grau de necessidade de atendimento psicológico voltado para universitários na instituição:* totalmente necessário \ parcialmente necessário \ indiferente \ parcialmente desnecessário \ totalmente desnecessário.

Lançamos a pesquisa nos Grupos universitários dia 27 de maio de 2019, e encerramos a mesma dia 04 de junho de 2019. Após o encerramento, partimos para análise de dados e utilizamos o programa Biostat para a análise estatística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise dos dados

Os resultados foram obtidos por meio de uma pesquisa, onde contamos com a participação de 253 estudantes universitários do estado do Ceará. Através dos dados coletados por meio da pesquisa, identificou-se que em relação ao grau de satisfação com o ambiente

acadêmico, dos 253 universitários que participaram da mesma, 13,8% revelam está totalmente satisfeitos com o ambiente acadêmico; 52,2% consideram-se parcialmente satisfeitos; 11,5% declararam indiferença; 18,2% demonstraram-se parcialmente insatisfeitos e 4,3% expressaram insatisfação total com o ambiente acadêmico. Ao serem questionados sobre o quanto estavam satisfeitos com o curso verificamos que 26,5% se dizem totalmente satisfeitos; 53% parcialmente satisfeitos; 7,1% indiferentes; 9,9% parcialmente insatisfeitos e 3,6% totalmente insatisfeitos. Sobre o grau de concordância com a seguinte afirmação “O ambiente acadêmico provoca desgaste emocional”, verificou-se que 58,9% concordaram totalmente com a afirmação; 29,6% concordaram parcialmente; 4,7% declararam indiferença; 4,7% discordaram parcialmente e 2% discordaram totalmente. Foi observado também que 71,9% dos entrevistados declaram que já buscaram ou pensaram em buscar acompanhamento psicológico durante a graduação; já 28,1% declaram que não buscaram e nem pensaram em buscar esse tipo de acompanhamento. Notou-se também que dos estudantes entrevistados, 25,7% já apresentaram algum tipo de transtorno mental durante a graduação; 47% já apresentaram transtornos antes e também durante a graduação; 4,3% apresentaram apenas antes da graduação e 22,9% declaram nunca haver apresentado nenhum tipo de transtorno mental. Dentre os participantes 42,7% já deixaram de fazer trabalhos e provas por nervosismo e ansiedade, por outro lado 57,3% afirmaram nunca ter deixado. Por fim, ao serem questionados sobre o quanto consideram importante atendimento psicológico voltado para estudantes na universidade, 83,8% consideram totalmente necessário; 12,6% afirmaram ser parcialmente necessário; 3,2% mostraram-se indiferentes; 0,4% consideram parcialmente desnecessário, e nenhum dos participantes afirmou ser totalmente desnecessário.

Dos participantes da pesquisa 60,5% são mulheres, enquanto que 39,5% pertencem ao público masculino. Os dados foram analisados estatisticamente através do BioEstat 5.3. Do total de participantes, identificou-se que não há uma diferença significativa quanto à concordância de homens e mulheres sobre o desgaste emocional provocado pelo ambiente acadêmico.

Identificamos na pesquisa que 49,8% dos estudantes pertencem a área das Exatas (engenharias, matemática, física, e outros); 28,5% pertencem a área das Humanas (direto, história, filosofia, e outros), e 21,7% fazem parte da área da Saúde (medicina, enfermagem, psicologia, fisioterapia, e outros). Através da análise de dados, é possível observar que estatisticamente não existe uma diferença significativa entre a área de graduação e o nível de satisfação com o curso ou com o sentimento de desgaste emocional.

Outro aspecto analisado foi com relação a estudantes que tiveram que mudar de cidade para ingressar na universidade e os estudantes que não tiveram que passar por essa transição. Vimos que 43,9% dos entrevistados tiveram que mudar de cidade para entrar na universidade, enquanto que 56,1% não mudaram. Os dados estatísticos obtidos revelam que os estudantes que não passaram por essa transição de cidade apresentam uma maior percepção de desgaste emocional quando comparados a estudantes que vieram de fora. Apresentam, portanto, um resultado significativo.

Os estudantes que participaram da pesquisa pertenciam a diferentes níveis de semestralidade, sendo 39,5% do 1º ao 3º semestre; 36,8% do 4º ao 6º semestre, e 23,7% do 7º ao 10º semestre. Com relação ao nível do semestre x percepção de desgaste emocional, os dados coletados apresentam uma variância significativa. Por outro lado, ao testarmos o nível de semestralidade x satisfação com o ambiente acadêmico, apresenta-se um valor não significativo. O mesmo ocorre ao testarmos o nível de semestre x satisfação com o curso, apresenta-se um valor não significativo. Apesar disso, é notório que existe um decaimento nos níveis de satisfação com o passar do tempo.

De acordo com os dados obtidos na pesquisa também observamos que 37,9% dos estudantes tem que dividir o tempo de estudo com o trabalho, e 62,1% não trabalham. Testamos essa variável com o grau de satisfação no ambiente universitário, o grau de satisfação com o curso, e a percepção de desgaste emocional no ambiente universitário. Após as análises estatísticas vimos que para o primeiro e o segundo não foi apresentado um valor significativo, já para o último o valor foi significativo, mostrando que os estudantes que precisam dividir o tempo de estudo com o trabalho se sentem mais desgastados emocionalmente.

Discussão dos resultados

A partir dos dados coletados com 253 universitários regularmente matriculados nas Universidades, centros universitários e faculdades no estado do Ceará, podemos destacar que 58,2% dos estudantes concordam com a afirmação: “O ambiente acadêmico provoca desgaste emocional”. Isso é verídico, pois, segundo Monteiro (2007) e Brito (2016) no ambiente acadêmico a resolução das atividades se faz necessário de um modo meio “forçado”, ou seja, deve ser de modo imediato para atender os prazos estabelecidos pelos professores, pela coordenação e gestores. Além disso, os acadêmicos desse processo passam por diversas mudanças, desenvolvimentos, frustrações, amadurecimento, medos e angústias. Nos

resultados da pesquisa apresentada, 52,2 % se encontram parcialmente satisfeito. Isso quer dizer que os universitários se encontram em um ambiente que não proporciona uma assistência total quanto a sua saúde mental no percurso da graduação, pois segundo Padovani (2014) o ambiente acadêmico pode ser estressante quando não há circunstâncias e regime favorável para o desenvolvimento apropriado do acadêmico quanto a sua vida social dentro da instituição. Fazendo-se necessário um investimento e incentivo para estabelecer comunicações entre aluno e professor, família e colegas. Pois ainda segundo Padovani (2014) a melhor estratégia de enfrentar o estresse é o suporte social.

Conforme os dados da pesquisa quantitativa, 71,9% dos estudantes analisados já buscaram ou pensaram em buscar atendimento psicológico durante a graduação, esses dados confirmam que o ambiente acadêmico é um lugar gerador de sofrimento psíquico. Segundo os dados obtidos pela Associação Nacional do Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), 30% dos estudantes da pesquisa, procuraram assistência psicologia entre os anos de 2014 e 2015 e 10% usavam medicamento psiquiátrico, isso acontece por conta do acúmulo de tarefas da faculdade e pressão dos familiares (TEDESCHI, 2018). Com relação aos transtornos mentais, os dados mostram que 25,7% já apresentaram transtornos durante a graduação, mas 47% já haviam apresentado algum tipo de transtorno mental antes da graduação e também durante, porém, isso não significa que não exista um comprometimento da saúde mental no ambiente acadêmico, pois de acordo com a pesquisa de Branditner & Bardagi (2007), 15% a 29% dos estudantes universitários apresentaram algum tipo de transtorno psiquiátrico no ano de 2006. A medida que os anos se passam, a situação da saúde mental comprometida dos estudantes universitários só aumenta, pois ainda segundo os estudos da psicóloga Karen Graner (2017) com estudantes da área da saúde, 30% sofrem com algum transtorno psíquico e conforme a escala mundial, sobe para 49,1%, independentemente da idade. É uma porcentagem elevada quanto aos estudantes de ensino superior e seu sofrimento psicológico.

Entre os resultados obtidos nessa pesquisa, apresenta-se uma relação entre o nível de semestralidade e desgaste emocional significativa, pois com o aumento dos semestres, aumenta-se também o desgaste emocional. Brito (2016), também fez uma pesquisa com 92 universitários durante os dois primeiros anos do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Recôncavo da Bahia, a partir do estilo de vida dos universitários e se certificou que não ouve um aumento significativo quanto a relação do nível do semestre o estilo de vida pouco saudável, porém, o acadêmico que já entra na faculdade apresentando um

estilo de vida pouco saudável tende a apresentar um maior risco de prevalência quanto aos comportamentos não saudáveis durante todo o percurso acadêmico. Isso confirma nossa pesquisa, quando coletamos dados a respeito dos acadêmicos que já apresentaram algum tipo de transtorno psicológico, com 47% antes e durante a graduação. Outro ponto a destacar quanto a esses dados, está relacionado com a pesquisa de Oliveira (2019), onde se afirma que os números se agravam à medida que o nível do diploma avança.

Uma situação muito interessante apresentada nessa pesquisa foi a relação da Naturalidade com o desgaste emocional, da qual apresentou um resultado significativo. Os estudantes que apresentaram desgaste emocionais mais elevados foram os universitários que não precisaram se mudar para ingressar na faculdade e os que apresentaram menor percepção de desgaste emocional foram o que tiveram que se mudar de suas cidades para ingressar na faculdade. Isso pode acontecer por que o desgaste emocional está mais relacionado com as cobranças e atividades acumuladas como aponta Monteiro (2007). E segundo Graner (2017) o desgaste emocional pode ser decorrente da pressão imposta pela sociedade, rotina dividida pelo trabalho e afazeres domésticos. Além disso, estudantes que vieram de outras cidades, possivelmente sabem lidar melhor com desafios, e conseguem se adaptar mais facilmente nesse contexto.

Podemos também, fazer uma relação entre os estudantes que trabalham x desgaste emocional. De acordo com os dados, vimos que os estudantes que trabalham apresentam-se um aumento significativo de desgaste emocional, quando comparados a estudantes que não trabalham. Segundo um estudo feito por Cosme e Durante (2017), só o fato de uma pessoa ser estudante universitário já é desgastante quanto suas atividades, e é ainda pior para o universitário que trabalha, pois é necessária uma conciliação entre trabalho profissional e vida acadêmica. As principais dificuldades são, o desgaste físico, atrasos, impossibilidades de fazer pesquisas antes da aula, frequentar a biblioteca, se alimentar corretamente, não ter tempo para tirar dúvidas com os professores, participar das atividades sociais, e essas dificuldade pode trazer prejuízos tangíveis e intangíveis segundo o autor. São tangíveis porque prejudicam as áreas biológicas, educacionais e intangíveis por que prejudica as áreas de motivação do universitário no processo de aprendizagem (COSME & DURANTE,2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, como resultado direto desse estudo, pode-se perceber que as principais prevalências sociodemográficas da amostra indicaram que os universitários participantes da pesquisa foram em sua maioria do sexo feminino, cursando nível superior na área de exatas, e que se dividem entre estudo e trabalho.

Mediante as conceptualizações e os dados realizadas neste estudo, frente aos dados coletados e analisados, evidencia-se a não existência de uma diferença considerável em relação a área de graduação do universitário e o seu nível de satisfação com o curso junto ao sentimento de desgaste emocional. Outra resultante desse estudo foi a evidenciação por meio de dados estatísticos obtidos na pesquisa, revelando que os estudantes que não se deslocaram de suas cidades apontam uma maior percepção de desgaste emocional quando comparados aos estudantes que se mudaram. Notório bem como, a existência de um decaimento no grau de avaliação de satisfação em relação a universidade adjunto que os estudantes carecem de dividir o seu tempo de estudo ao trabalho, circunstância essa que os deixam mais desgastados emocionalmente.

Por fim, cabe destacar que a maior parte dos entrevistados (universitários cearenses) salientaram a importância do atendimento psicológico em suas respectivas instituições, apontando assim para a necessidade de uma atenção referente à qualidade de vida e saúde mental dos universitários.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, João Brainer Clares; SAMPAIO, José Jackson Coelho; FARIAS, Lara Maciel de; MELO, Lucas da Ponte; SOUSA, Dalmy Pinheiro de; MENDONÇA, Ana Luisa Barbosa de; MOURA, Francisco Felinto Aguiar de; CIDRÃO, Ingrid Sorensen Marinho. **Contexto de Formação e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Medicina**. Fortaleza, Ceará. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/> Acessado em: 06 de maio de 2019.

ANSOLIN, Alana; ROCHA, Daniele; SANTOS, Reginaldo; POZZO, Vanessa. **Prevalência de transtorno mental comum entre estudantes de psicologia e enfermagem**. Arq. Ciênc. Saúde. 2015. Disponível em: <http://www.cienciasdasaude.famerp.br/index.php/racs/Home> Acessado em: 01 de maio de 2019

BRANDTNER, Maríndia; BARGAGI, Marucia. **Sintomatologia de Depressão e Ansiedade em Estudantes de uma Universidade Privada do Rio Grande do Sul**. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt> Acessado em: 01 de maio de 2019.

BRITO, Bruno; GORDIA, Alex; QUADROS, Tereza. **Estilo de vida de estudantes universitários: estudo de acompanhamento durante os dois primeiros anos do curso de graduação**. Ribeirão Preto, 2016.

CASTRO, Vinicius. **Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior.** Revista gestão em foco, 2017.

CERCHIARI, Ednéia. **Saúde mental e qualidade de vida entre estudantes universitários.** Campinas, 2004.

CHERCHIARI, Ednéia; CAETANO, Dorgival; FACCENDA, Odival. **Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários.** Estudos de Psicologia, 2005.

GRANER, Karen. **Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados.** Cien Saúde colet, 2017. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/> Acessado em 03 de maio de 2019.

INSTITUTO PHD, Blog. **Que tipo de pesquisa devo realizar?** [Internet], 2011. Disponível em: <https://www.institutophd.com.br/> acessado em: 03 de maio de 2019.

LANTYER, Angélica; VARANDA, Caroline; SOUZA, Felipe; PADOVANI, Ricardo; VIANA, Milena. **Ansiedade e qualidade de vida entre estudantes universitários ingressantes: Avaliação e Intervenção.** Campus Baixada Santista, 2016.

MANTAZATO, Antônio José; SANTOS, Adriana Barbosa. **A elaboração de questionário na pesquisa quantitativa.** Departamento de Ciências de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP, 2012.

MARTINS, Everton. **Pesquisa quantitativa: aprenda o que é e como aplicar no seu TCC.** Disponível em < <https://blog.mettzer.com/pesquisa-quantitativa/>> Acesso em 5 d MONTEIRO, Claudete F. S; FREITAS, Jairo F. M; RIBEIRO, Artur A. P. **Estresse no cotidiano acadêmico: o olhar dos alunos de enfermagem da Universidade Federal do Piauí.** Esc Anna Nery R Enferm, Piauí, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acessado em: 10 de junho de 2019 e maio de 2019.

NEVES, Marly; DALGALARRONDO, Paulo. **Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários.** Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, Rebeca. **Casos recentes de suicídio em faculdades brasileiras levantam importância do debate acerca da saúde mental dos estudantes.** 2019. GPS. Disponível em: <<https://gpslifetime.com.br/>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

PADAVONI, Ricardo; NEUFELD, Carmem Beatriz; MALTONI, Juliana; BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes; SOUZA Wanderson Fernandes; CAVALCANTI, Helton Alessandro Firmino; LAMEU, Joelma do Nascimento. **Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário.** Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt>. Acessado em: 06 de maio de 2019.

TEDESCHI, Giovanna. **Crise psicológica afetam universitários.** Comunica Ufu, 2017. Disponível em: <http://www.comunica.ufu.br/>. Acessado em: 10 de junho de 2019.

VASCONCELOS-RAPOSO, José; SOARES, Ana Rita; SILVA, Filipa; Gimenes FERNANDES, Marcos; TEIXEIRA, Carla Maria. **Níveis de ideação suicida em jovens adultos** Estudos de Psicologia, vol. 33, núm. 2, abril-junho, 2016, pp. 345-354 Pontifícia Universidade Católica de Campinas Campinas, Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?lng=en> Acessado em: 01 de maio de 2019.